

Bosque de rosas

William Ribeiro da Conceição*

Bosque de rosas (José Martí)

¡Allí despacio te diré mis cuitas;
Allí en tu boca escribiré mis versos!

¡Ven, que la soledad será tu escudo!
Pero, si acaso lloras, en tus manos
Esconderé mi rostro, y con mis lágrimas
Borraré los extraños versos míos.

¿Sufrir tú a quien yo amo, y ser yo el casco
Brutal, y tú, mi amada, el lirio roto?
Oh, la sangre del alma, ¿tú la has visto?
Tiene manos y voz, y al que la vierte
Eternamente entre la sombra acusa.
¡Hay crímenes ocultos, y hay cadáveres
De almas, y hay villanos matadores!
Al bosque ven: del roble más erguido
Un pilón labremos, y en el pilón
Cuanto engañen a mujer pongamos!
Esta es la lidia humana: la tremenda
Batalla de los cascos y los lirios!
Pues los hombres soberbios ¿no son fieras?
¡Bestias y fieras! Mira, aquí te traigo



Mi bestia muerta, y mi furor domado.
Ven, a callar; a murmurar; al ruido
De las hojas de Abril y los nidales.
Deja, oh mi amada, las paredes mudas
De esta casa ahoyada y ven conmigo
No al mar que bate y ruge sino al bosque
De rosas que hay al fondo de la selva.
Allí es buena la vida, porque es libre—
Y la virtud, por libre, será cierta,
Por libre, mi respeto meritorio.
Ni el amor, si no es libre, da ventura.
¡Oh, gentes ruines, las que en calma gozan
De robados amores! Si es ajeno
El cariño, el placer de respetarlo
Mayor mil veces es que el de su goce;
Del buen obrar ¡qué orgullo al pecho queda
Y cómo en dulces lágrimas rebosa,
Y en extrañas palabras, que parecen
Aleteos, no voces! Y ¡qué culpa
La de fingir amor! Pues hay tormento
Como aquél, sin amar, de hablar de amores!
¡Ven, que allí triste iré, pues yo me veo!
¡Ven, que la soledad será tu escudo!

Tradução

Bosque de Rosas **(William Ribeiro da Conceição)**

Ali, devagar, vou te contar meus problemas;
Ali na tua boca escreverei meus versos!

Vem, que a solidão será teu escudo!
Mas se chorares, em tuas mãos
Vou esconder meu rosto, e com minhas lágrimas
Vou apagar os meus estanhos versos

Sofrer, tu, a quem eu amo, e ser eu, o casco
Brutal, e tu, minha amada, o lírio quebrado?

Oh! O sangue da alma, tu já o viste?
Tem mãos e voz, e a quem o derrama
Eternamente entre as sombras o acusa.

Há crimes ocultos, e há cadáveres
De almas, e há vilões assassinos
Para o bosque vem: do carvalho mais alto
Faremos um pilão, e no pilão
Quantos enganem as mulheres colocaremos!
Essa é a batalha humana: a terrível
Batalha dos cascos e dos lírios
Pois os homens soberbos, não são feras?

Bestas e feras! Olha, aqui te trago.
Minha besta morta e meu furor domado
Vem, a calar, a murmurar, ao ruído
Das folhas de abril e dos ninhos

Deixa, oh minha amada, as paredes mudas
Desta casa vazia e vem comigo
Não para o mar que bate e ruga, mas ao bosque
De rosas que estão no fundo da selva
Ali a vida é boa, porque é livre,
E a virtude, livre, será certa
Livre, meu respeito meritório
Nem mesmo o amor, se não for livre, dá felicidade
Oh, pessoas ruins, as que calmamente gozam
De amores roubados! Se é insensível
O carinho, o prazer de respeitá-lo
Maior mil vezes é que o de gozá-lo;
Das boas obras, que orgulho ao peito deixa
E como em doces lágrimas transborda,
E em estranhas palavras, que parecem
Palpitações, não vozes! E que culpa!
A de fingir amor! Pois há tormento
Como aquele que sem amar, fala de amores!
Vem, que ali triste irei, porque eu me vejo!
Vem, que a solidão será teu escudo!